

ARTE E CRISTIANISMO

AULA 2 - Os primórdios: da Pré-história ao Judaísmo

Simone Menezes

REVISÃO

- Objetivo do curso

Este curso tem como objetivos: Compreendermos a importância da Arte para nosso Deus e para a humanidade, traçarmos uma visão panorâmica da história da arte sob um olhar cristão e entendermos os desafios de hoje para a arte no contexto da igreja.

- Princípios

- Definição de Arte não é consensual e sim cultural.

- A Bíblia usa vários termos que podem ser interpretados como o nosso conceito atual de arte, sendo muitos deles referentes ao próprio Deus.

- Bíblia e Natureza revelam: A Arte para Deus é parte integral da beleza inerente a natureza dEle mesmo, revelada a nós através de todas as obras de sua criação e do seu plano de redenção. (Rookmaker – A Arte não precisa de justificativa)

- Somos sub-criadores, fazemos arte a partir dos elementos que recebemos da obra de arte dEle.

- Nossa reação diante da obra de arte (divina ou humana) é:

Pararmos e olharmos

Emocionarmos

Procurarmos Entender

Devotarmos Admiração

Inspirados produzirmos arte

- Características da obra de Deus (e viu que era bom) que nos comunica alguns padrões de valor para a arte.

Beleza, Harmonia, Simetria, Organização em todos os níveis

Inteligência, Técnica, Designer, Planejamento

Emoção, Características pessoais (amor, doçura, senso de humor, poder, grandeza, nobreza, ira...)

Perfeita

Criada do nada

1. A arte e o Artista
2. Os primórdios : da Pré-historia ao Judaísmo
3. O início da arte cristã: grecia, roma, inicio arte cristã
4. Uma reforma para arte: o renascimento e a reforma
5. A arte como religião: Beethoven e o humanismo
6. Século XX
7. A cultura pop
8. Pós-modernismo, há um futuro?

mapa

“os acontecimentos históricos devem ser interpretados a luz do reino de Deus” – Lloyd Jones

" o conjunto da arte de um artista revela sua cosmovisão." (F. Schaeffer)

PRE HISTORIA

Contexto

Homem primitivo, começava a se organizar quanto ao conhecimento e domínio da natureza (exercendo a comissão dada no Genesis).

Desenvolve: ferramentas, roda, linguagem e manifestações artísticas.

Pensamento mais intuitivo que racional, religião supersticiosa, pagã, sacrificial, baseada no poder da imagem.

Necessidades mais básicas do ser humano

Buscava seus deuses para garantir sua condição de sobrevivência.

Religião

Centro da sociedade!

A sobrevivência dele dependia de sua capacidade de lidar, dominar, entender a natureza? Ele sabia de sua incapacidade naquele momento.

Religião se torna parte central da vida: devoção para religião não como um ato de reconhecimento e adoração verdadeiro (Deus), mas a religião como forma de “dominar e manter sobre controle sua realidade”. Início da idolatria (servir a quem me serve).

Arte

Arte servia a religião e cotidiano de forma funcional.

As principais manifestações que conseguimos mesurar hoje (pintura, escultura)

Pré-história Paleolítico

Escultura: Vênus de Willendorf

Tanto na pintura quanto na escultura, nota-se a ausência de figuras masculinas. Predominam figuras femininas, com a cabeça surgindo como prolongamento do pescoço, seios volumosos, ventre saltado e grandes nádegas.

Este pensamento ecoa até hoje em algumas religiões sincretistas. A idéia dos historiadores é que seja parte de uma religião matriarcal pagã que predominou durante toda a antiguidade tendo vários expoentes em várias culturas. A pintura vermelha, a argila tem a ver com o sangue, a menstruação, terra (deusa terra), adão vermelho criado da terra deusa mãe (argumento pagão).

A Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma estatueta com 11,1 cm de altura representando estilisticamente uma mulher, descoberta no sítio arqueológico do paleolítico situado na Áustria, c. de 2500 a 2000 a.C.

Está esculpida em calcário oolítico, material que não existe na região, e colorido com ocre vermelho. Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica deste sítio arqueológico, estimou-se que tivesse sido esculpida há 22000 ou 24000 anos.

A Vênus não pretende ser um retrato realista, mas uma idealização da figura feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente volumosos, de onde se infere que tenha uma relação forte com o conceito da fertilidade. Os braços, muito frágeis e quase imperceptíveis, dobram-se sobre os seios e não têm uma face visível, sendo a cabeça coberta do que podem ser rolos de tranças, um tipo de penteado ou mesmo vários olhos.

O apelido com que ficou conhecida causa alguma relutância a alguns estudiosos actuais, que não conseguem ver nesta figura com características de obesidade a imagem clássica de uma Vênus. Christopher Witcombe, professor na Sweet Briar College, em Virgínia por exemplo, refere que "a identificação irónica destas figuras com Vênus satisfaz de forma prazenteira alguns conceitos correntes, na época, sobre o que era o homem primitivo, sobre as mulheres e sobre o sentido estético". Outros autores têm alguma relutância em identificá-la como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura europeia do Paleolítico. Alguns sugerem que a

corpulência representa um elevado estatuto social numa sociedade caçadora-recolectora e que, além da óbvia referência à fertilidade, a imagem podia ser também um símbolo de segurança, de sucesso e de bem-estar.

A idéia era recorrente em outras sociedades durante séculos.

Mulher, fecundidade, terra, caça, a grande mãe da antiguidade.

Mascaras:

Na África, o artífice, antes de começar a esculpir uma máscara, passa por um processo de purificação, com reza aos espíritos ancestrais e às forças divinas. Tal prática faria com que a força divina fosse transferida para a máscara durante o processo de manufatura. Se no passado era prática generalizada, o uso de máscaras rituais teve um enorme declínio nas últimas décadas. Entretanto, a manufatura e o emprego deste objetos continua sendo um aspecto fundamental na identidade de vários grupos étnicos africanos. Por isso, já existem pessoas que trabalham pela preservação deste hábito milenar. As máscaras são empregadas, basicamente, em eventos sociais e religiosos. Além de representarem os espíritos ancestrais, em alguns casos objetivam o controle de forças espirituais das comunidades para um determinado fim, sejam estas forças benéficas ou malignas. A matéria prima utilizada na elaboração das máscaras é diversificada. Entretanto, é a madeira a matéria prima mais comum. Isso porque os artífices acreditam que as árvores possuem uma alma, um espírito. A madeira seria interpretada como um receptáculo espiritual, sendo que parte dessa essência animista é transferida para a máscara, conferindo ao seu portador alguma espécie de poder. Na visão de muitos antropólogos, se trataria de um conjunto de forças invisíveis que atuam diretamente no controle social.

(Por Rodrigo Aguiar)

O SIMBOLISMO SAGRADO DAS MÁSCARAS AFRICANAS

O significado das máscaras é muito difícil de ser compreendido pelos não-africanos, justamente porque nelas residem muitas fantasias, misticismo e magia que exprimem o modo de pensar de muitas sociedades tribais africanas.

Esses significados variam de um grupo étnico para outro, onde uma só máscara pode ter significados variados.

A máscara simboliza uma transformação mística; quem a veste incorpora o ser que ela representa.

Na região oeste da África, elas têm importantíssima função, por exemplo, nas festas de iniciação, aparições públicas de sociedades secretas, nos rituais de casamento, nascimento, morte e feitiçaria e nas celebrações das colheitas.

Elas podem purificar, proteger ou assombrar, transmitindo mensagens dos espíritos para as pessoas e acompanham os homens na guerra, na caça e nos trabalhos no campo.

A função das máscaras juntamente com os trajes sagrados é fixar a atenção de todos na energia de um espírito.

Arquitetura: Menir

Évora Portugal

Carnac França

Santuário de Stonehenge - Inglaterra

aproximadamente 10.000 a 5.000 a.C.

Com cultivo da terra e de rebanho e aumento rápido da população e o desenvolvimento das primeiras instituições, como família e a divisão do trabalho, se expandiu a arte e cerâmica, noções iniciais de arquitetura nasciam.

O Santuário de Stonehenge, no sul da Inglaterra, pode ser considerado uma das primeiras obras da arquitetura que a História registra. Ele apresenta um enorme círculo de pedras erguidas a intervalos regulares, que sustentam traves horizontais rodeando outros dois círculos interiores. No centro do último está um bloco semelhante a um altar. O conjunto está orientado para o ponto do horizonte onde nasce o Sol no dia do solstício de verão, indício de que se destinava às práticas rituais de um culto solar. Lembrando que as pedras eram colocadas umas sobre as outras sem a união de nenhuma argamassa.

Nota-se que o desenvolvimento humano estava a pleno vapor, começavam a dominar o conhecimento da natureza e pesquisa e a observar os astros e tentar medir tempos e estações (fundamental para colheita). Isto estava para eles estreitamente atrelado a religião. Nota-se a adoração aos astros, continuação da religiosidade pagã iniciada com o paleolítico. A função da arte é prática ou religiosa. Notamos que o forte ainda é o religioso. Pouco se preservou dos objetos e casas do cotidiano, porém foi preservado partes ligadas a ritos.

Para erigir seus monumentos, os homens da época pré-histórica provavelmente começaram por levantar uma coluna, em honra de um deus ou de um acontecimento importante, embora a maioria dos historiadores relacionem o seu aparecimento com:

Culto da fecundidade (menir isolado)

Marcos territoriais (menir isolado)

Orientadores de locais (menires isolados e em linha)

Santuários religiosos (menires em círculo)

Esses monumentos pré-históricos eram pedras, cravadas verticalmente no solo, às vezes bastante grandes (megalito denominado menir). Pelo peso dessas pedras, algumas de mais de três toneladas, acredita-se que não poderiam ter sido transportadas sem o conhecimento da alavanca.

Note que os patriarcas erigiam pedras ou altares que de certa forma refletem ainda este pensamento da época antiga.

paralelos:

Sociedade Primitivas, povos primitivos, tribos africa e índios:

- Magia, feitiçaria, vodus são elementos de domínio sobre a natureza e o outro.
- Centro da vida social é a religião,
- Mascaras e outros rituais ligados a possessão.
- Expição pelo sangue.
- Culto a natureza.
- Autoridade religiosa é autoridade social, centro de poder.
- Arte "cria" símbolos de poder (máscaras e vodus)

HISTÓRIA ANTIQUIDADE

Arte Egípcia e Babilônica

Contexto

No Egito e na Mesopotâmia viveram as primeiras civilizações altamente estruturadas, e seus artistas/artesãos produziram obras complexas que já apresentam uma especialização profissional. A arte egípcia se caracterizou pelo caráter religioso e político, com destaque para a arquitetura, a pintura e a escultura. A escultura e a pintura mostram a figura humana em um estilo fortemente hierático e esquemático, devido à rigidez de seus cânones simbólicos e religiosos. A arte mesopotâmica se desenvolveu na área entre os rios Tigre e Eufrates, sendo testemunha de culturas diferentes, como os sumérios, acadianos, assírios e persas. Na arquitetura se incluem os zigurates, grandes templos piramidais em degraus, enquanto que na escultura predomina cenas religiosas, de caça e de guerra, com a presença de figuras humanas e animais reais ou mitológicos.²⁴

A sociedade e ciência se desenvolvem.

Duas das principais civilizações da Antigüidade foram a Egípcia e a Babilônica. Ambas se organizavam de forma complexa e riquíssima em realizações culturais.

Religião

A sociedade e ciência se desenvolvem e atrelados a ela a religião (pagã). A arte estava centralizada na religião.

A religião invadiu toda a vida egípcia, interpretando o universo, justificando sua organização social e política, determinando o papel de cada classe social e, conseqüentemente, orientando toda a produção artística desse povo. Além de crer em deuses que poderiam interferir na história humana, os egípcios acreditavam também numa vida após a morte e achavam que essa vida era mais importante do que a que viviam no presente. O fundamento ideológico da arte egípcia é a glorificação dos deuses e do rei defunto divinizado, para o qual se erguiam templos funerários e túmulos grandiosos.

O rei era o centro da sociedade.

Acreditavam na vida após a morte.

Arte

A arte servia ao estado e a religião que eram fundidos em uma forma de pensar única.

A forma de pensar desta sociedade era fundamentada na fusão poder (estado) e religião.

Outros valores destas sociedades era: solidez estabilidade, sentimento de eternidade, entre outros (tudo isto se vê pela arte contrária a nossa pós-moderna agora que é volátil).

Poder – homem deificado.

(anteriormente a questão era fertilidade, sobrevivência agora é poder).

Arte extremamente organizada.

Conservava sem mudança padrão de desenhos e esculturas (pinturas laterais, homens e mulheres quase iguais, somente figuras reais de frente)

Egípcia e Assíria

Egito: Templo de Isis

Ísis (em egípcio: Auset) foi uma deusa da mitologia egípcia, cuja adoração se estendeu por todas as partes do mundo greco-romano. Foi cultuada como modelo da mãe e da esposa

ideais, protetora da natureza e da magia. Era a amiga dos escravos, pescadores, artesãos, oprimidos, assim como a que escutava as preces dos opulentos, das donzelas, aristocratas e governantes.[1] Ísis é a deusa da maternidade e da fertilidade (paralela a questão da antiguidade).

A arte da Assíria, desenvolveu-se no reino (situado onde hoje está o Iraque) que estabeleceu um dos maiores impérios do antigo Oriente Próximo.

No início de sua história, os assírios parecem ter sido dominados pelas civilizações mais poderosas da Babilônia e da Suméria. O império alcançou seu apogeu no governo de Senaqueribe (705-681 a.C.), que reconstruiu a antiga Nínive, trazendo água das montanhas para dentro da cidade através de um elaborado sistema de canais, e criando uma rede de ruas e praças. As escavações arqueológicas comprovam que as construções eram grandiosas e fartamente adornadas com pinturas e esculturas.

Apenas fragmentos das pinturas foram preservados, mas uma considerável quantidade de esculturas sobrevive. Os assírios foram um povo guerreiro e na arte se dedicaram a glorificar seus reis e exércitos; o tipo de trabalho mais característico era uma seqüência de painéis de pedra esculpidos com baixos-relevos representando cenas militares ou de caça. Este tipo de relevo narrativo, disposto em torno de salões governamentais ou pátios, é uma invenção assíria e constitui sua maior contribuição para o mundo da arte.

A outra forma específica de escultura assíria era o Lamassu, um colossal animal alado, com cabeça humana, utilizado aos pares para flanquear a entrada de palácios. A civilização assíria sucumbiu quando sua capital, Nínive, foi capturada pelos babilônios e medas em 612 a.C.

Esfinge

Uma das mais antigas representações da figura mitológica é a colossal esfinge de Gizé, no Egito, que data do reinado de Quéfren, faraó da IV dinastia. A esfinge egípcia tem corpo de leão, com as patas dianteiras estendidas, e cabeça humana, coberta com uma manta funerária (nemes). Supõe-se que representa o deus Hórus, guardião de templos e túmulos. Os egípcios esculpiram muitas estátuas da esfinge, cujo rosto lembrava sempre o faraó da época. Algumas esfinges, no entanto, ostentavam cabeças de carneiros e falcões. As imagens ficavam diante dos templos, em ambos os lados da avenida de acesso (dromos), com função protetora, como no grande templo de Karnak.

Esfinge egípcia:

A imagem das esfinges é tradicionalmente representada como a de criaturas que tem o corpo de leão e a cabeça de um humano ou falcão, embora algumas vezes possam ter a cabeça de outros animais. Diferentemente da esfinge grega, as egípcias são geralmente apresentadas com seres humanizados, além disso, as esfinges egípcias eram vistas como muito benevolentes, em contraste com sua versão grega, que era malévola, sendo consideradas como uma espécie de guardiãs, muitas vezes representadas em enormes estátuas colocadas nas entradas dos templos.

Cada tipo de esfinge possui uma denominação diferente, que esta de acordo com o modelo de sua cabeça. Os tipos mais comuns de esfinges egípcias são: androsfinge - corpo de leão com cabeça de humano; hierocosfinge - corpo de leão com cabeça de falcão; criosfinge - corpo de leão e cabeça de ovelha (usada para representar o deus Amon).

Quando representadas com a cabeça humana, geralmente era a cabeça de um faraó. Assim como as pirâmides, também simbolizavam uma demonstração extrema de poder, com associações solares sagradas. A maior e mais famosa é a esfinge do planalto de Gizé, a Sesheps, na margem oeste do Nilo, possuindo um pequeno templo entre suas patas. Acredita-se que essa esfinge carregue o rosto do faraó Quéfren ou possivelmente a de seu irmão, o faraó Djedefré, sendo datada de algum momento na quarta dinastia, um período que compreende entre 2723 a.C. a 2563 a.C. Contudo, há algumas teorias alternativas que datariam a esfinge ao período que antecede o antigo império, que pode ter sido em tempos pré-históricos.

Zigurate

Um zigurate é uma forma de templo, criada pelos sumérios e comum para os babilônios e assírios, pertinente à época do antigo vale da Mesopotâmia e construído na forma de pirâmides terraplanadas. O formato era o de vários andares construídos um sobre o outro, com o diferencial de cada andar possuir área menor que a plataforma inferior sobre a qual foi construído — as plataformas poderiam ser retangulares, ovais ou quadradas, e seu número variava de dois a sete.

O centro do zigurate era feito de tijolos queimados, muito mais resistentes, enquanto o exterior da construção mostrava adornos de tijolos cozidos ao Sol, mais fáceis de serem produzidos, porém menos resistentes. Os adornos normalmente eram envidraçados em cores diferentes, possivelmente contendo significação cosmológica. O acesso ao templo, situado no topo do zigurate, se fazia por uma série de rampas construídas no flanco da construção ou por uma rampa espiralada que se estendia desde a base até o cume do edifício. Os exemplos mais

antigos de zigurates datam do final do terceiro milênio a.C., enquanto os mais recentes, do século VI a.C., e alguns dos exemplos mais notáveis dessas estruturas incluem as ruínas na cidade de Ur e de Khorsabad na Mesopotâmia.

Com a descrição supracitada pode-se formular uma imagem, ainda que básica, de com que se parece um zigurate. A idéia que se tem de que serviam como lugar de idolatria ou cerimônias públicas, contudo, não é correta. Na Mesopotâmia acreditava-se que eram a morada dos deuses. Através dos zigurates as divindades colocariam-se perto da humanidade, razão pela qual cada cidade adorava seu próprio deus ou deusa. Além disso, apenas aos sacerdotes era permitida a entrada ao zigurate, e era deles a responsabilidade de cuidar da adoração aos deuses e fazer com que atendessem as necessidades da comunidade. Naturalmente os sacerdotes gozavam de uma reputação especial na sociedade suméria.

Um exemplo de zigurate mais simples é o do Templo Branco de Uruk, na antiga Suméria, que deve ter sido construído por volta de 400-300 a.C.. O próprio zigurate é a base sobre o qual o Templo Branco repousa, e sua função é trazer o templo mais próximo aos céus, de forma que pudesse prover acesso desde o solo até lá, por meio de degraus — a estrutura teria a função, portanto, de uma ponte entre os dois mundos. Por isso acredita-se que o templo dos sumérios seria um eixo cósmico, uma conexão vertical entre o céu e a terra, e entre a terra o submundo; e uma conexão horizontal entre as terras. Construído em sete níveis, ou camadas, o zigurate representaria os sete céus, ou planos de existência, os sete planetas e os sete metais a eles associados e suas cores correspondentes.

Um exemplo de zigurate sólido e abrangente é o de Marduk, ou Torre de Babel, situado na antiga Babilônia. Infelizmente não sobrou nem mesmo a base daquela poderosa estrutura, mas de acordo com achados arqueológicos e fontes históricas, a torre colocava-se sobreposta a sete camadas multicoloridas, em cujo topo achava-se um templo de proporções singulares. Acerca desse templo, acredita-se haver sido pintado e preservado em cor anil, combinando com o cimo das camadas. É sabido que havia três escadarias que levavam ao templo, e diz-se que duas delas ascendiam apenas até a metade da altura do zigurate.

O nome sumério para a estrutura era Etemenanki, palavra que significa "A Fundação do Céu e da Terra." Provavelmente construído sob as ordens de Hamurabi, averigüou-se que o centro do zigurate de Marduk continha restos de outros zigurates e estruturas mais antigas. O estágio final consistia dum encaixamento de 15 metros de tijolos reforçados construído pelo monarca Nabucodonossor.

O Zigurate de Ur foi construído para o deus da lua, Nanna, entre os anos de 2113 e 2096 a.C., e é um dos que se conservam em melhor estado, graças a Nabucodonosor II, cujo reinado durou entre 605 - 562 a.C., que ordenou sua reconstrução depois que os acádios o destruíram.

O templo consistia em sete pavimentos e o santuário ficava no terraço superior. Acredita-se que na reconstrução tentou-se copiar a famosa Torre de Babel, hoje destruída. O acesso ao último pavimento era feito por escadarias intermináveis e estreitas que rodeavam os muros.

A seguir, uma imagem aérea da região do Zigurate de Ur e uma reconstituição mostrando como deve ter sido o zigurate.

Escultura e Pintura

Esfinge: representa corpo de leão (força) e cabeça humana (sabedoria). Eram colocadas na alameda de entrada do templo para afastar os maus espíritos.

(ex. Beto na China dragão porta da fábrica comentar)

Na arte grega também aparece esfinges com a mesma função

Uma de suas características interessantes é a estilização, reproduzindo deuses, guerras e vitórias sobre os inimigos. Os artistas não se preocupavam em colocar suas próprias características na obra, mas em uniformizar um estilo unitário e regular em todas as manifestações artísticas.

Uma grande preciosidade da arte babilônica são os “animais-humanos”, com destaque para os leões com asas de águia. Este leão é um autêntico símbolo deste povo e é visto com muita frequência nas pinturas, onde está em combate com o deus protetor da cidade: Marduque.

Há muita relação entre citações da Bíblia e a arte deste povo, mas não há um consenso exato sobre isso. Há afirmações de que eram deuses dos assírios ou então se tratavam de construções sumerianas com teor espiritual. Nada se pode afirmar com certeza.

Uma construção muito característica desta arte são os zigurates. Eles são templos edificadas no alto de uma torre de tijolos. Para ter acesso a ele, é preciso utilizar uma rampa que dá a aparência de pisos cada vez menores.

A música revela o que um povo é.

Na China antiga, todos os anos, no segundo mês, poderia encontrar-se o imperador Shun passando revista no seu reino para certificar-se de que tudo estava em ordem no imenso território. Entretanto, não o fazia observando o modo de vida da população, ou os livros de contabilidade.

De acordo com o antigo texto chinês, SHU KING, o imperador Shi Shun percorria os diferentes territórios e... experimentava as alturas exatas das suas notas musicais.

Consoante a filosofia dos antigos chineses, a música era um medidor social importantíssimo. Eles acreditavam, em particular, que todas as civilizações se afeiçoam e moldam de acordo com o tipo de música que nelas se executa.

A música de uma civilização era melancólica, romântica? Nesse caso, o próprio povo seria romântico. Era vigorosa e militar? Então, os vizinhos dessa nação devem se acautelar. Além disso, uma civilização permanecia estável e inalterada enquanto a sua música permanecesse inalterada. Mas mudar o estilo da música ouvida pelo povo levaria inevitavelmente a uma mudança do próprio estilo de vida.

E se a música que ele ouvisse executada nas aldeias tivesse, por exemplo, desatado a tornar-se vulgar e imoral, não duvidaria o imperador de que a própria imoralidade se estenderia pela nação, a menos que se fizesse alguma coisa para corrigir a música.

O poder oculto da música – David Tame

Paralelos

ATENÇÃO PONTOS COMUNS

- Sociedades mais organizadas, necessidades básicas supridas pelo conhecimento (subsistência).
- Necessidade de unificação por um poder humano central.
- Culto a natureza, sobretudo aos astros celestes.
- Centro da vida social é a religião,
- Busca de poder absoluto e hegemonia social de uma sociedade usando o poder da religião como fator unificador.
- Divinização da autoridade.
- Eventual expiação pelo sangue.
- Arte durante este período servia cegamente o poder vigente e a religião. A religião era cega, marcada pela autoridade “divina” dada aos seus líderes. As sociedades tinham resolvido questões fundamentais como subsistência e organização social.

A música

Rápida explicação sobre modalismo, tonalismo e atonalismo.

Marius Schneider, estudioso do mundo modal, diz que em todos os povos, quando retratam dentro de suas histórias a criação do mundo, no momento inicial, há a quebra a ruptura do ruído ou do silêncio por um som, uma voz (... e disse Deus)

“Nas sociedades pré-capitalistas englobando as tradições orientais e ocidentais até a idade média a música foi vivida como uma experiência do sagrado, justamente porque nela se trata,

a cada vez a luta cósmica e caótica entre som e ruído, vida e morte, deuses e homens. O mundo é barulho e é silêncio. A música extrai som do ruído num sacrifício cruento.” (Miguel Wisniks)

3 características:

- A música era modal: ou seja havia um centro, uma nota em volta da qual as outras gravitavam e se subordinavam (dar exemplo teclado), porém existiam vários modos (vamos chamar de um pensamento meio politeísta)
 - A música ressaltava o conflito som e ruído (diferente da música pós-cristianismo que ressaltava o som e a harmonia). Exs. Sacrifício humano, para construção dos instrumentos, busca de maior ruído na produção de um som (mudou, voltou anos 60 com a distorção da guitarra...)
- (separar trilhas de cantos destas culturas)

“Num sermão, Santo Agostinho compara Cristo a um tambor, pele esticada na cruz, corpo sacrificado como instrumento para que o ruído do mundo se torne em música da graça, holocausto necessário para que soem as aleluias.” (Miguel Wisniks) A música tinha caráter sacrificial, excessão a flauta que poderia ser feita de bambu, todos os instrumentos eram feitos exigindo sacrifício (tambores de pele, corda para tanger instrumentos de tripa, trompa de chifre).

Ouvir 2 trechos de som e sentido faixa 2: uma voz

Arte Judaíca – A aliança

Contexto: 3 características a serem ressaltadas do contexto deste povo em termos culturais.

- Homem pagão (Abraão saiu do meio do paganismo descrito nestes outros povos primitivos).

- este povo foi formado sob influência cultural do Egito (tiveram acesso ao conhecimento, ciência, escrita e arte do povo mais desenvolvido da época, fizeram estágio nos EUA, Moises estudou em Harvard).

- depois foram provados a fim de esquecer o modo de vida anterior e uma geração morreu no deserto (contar história Paavo do governo Estoniano com relação a cortar mais velhos).

Religião:

- Ao invés do homem escolher um pedaço de madeira, separar e fazer um deus, Deus escolheu Abraão, separou e fez um povo (iniciativa de cima)
- Monoteísta, sem imagens, Criador sobre as imagens e natureza
- Soberano. Ele sabe de antemão o que acontece com os homens e tem o controle sobre isto.
- Busca relacionamento pessoal.
- Bom e misericordioso
- Santo, a questão sacrificial é exigida mas no contexto de purificação e não de magia ou rituais que aplaquem a fúria divina.
- Valores sociais estabelecidos com base na bondade, moralidade e amor.
- Arte perde valor sacrificial e instrutivo para ter valor relacional.

Arte:

É o povo antigo que mais preservou os detalhes de sua arte através da escrita e descrição do mesmo.

A Bíblia está absolutamente repleta de manifestações, vamos mencionar apenas algumas:

POESIA e CRONICAS

- salmos, cantares provérbios

Além dos livros poéticos, podemos destacar o próprio genesis e a forma como ele é escrito como um exemplo de descrição poética.

ESCULTURA

- *Exodo 20: 4-5 "Não faras para Ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra. Não as adorarás, nem prestarás culto, pois Eu sou seu Deus, Deus zeloso"*

- *Exodo 25:18 "No momento da construção do tabernáculo Deus explicou exatamente como queria as obras de arte que fariam parte daquele lugar: "Farás dois querubins de ouro batido nas duas extremidades do propiciatório" (arte figurativa)*

"Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém." Romanos 1: 25

A arte não é pecado, a idolatria é. Deus ordenou que fosse feita imagens em escultura que fariam parte da decoração do tabernáculo.

ARQUITETURA

O Templo foi uma construção arquitetônica detalhada pelo Senhor, ela possuía funções específicas mas também possuía características puramente artísticas.

DANÇA

Davi, Miriã,

MÚSICA E CANTO

- O canto e a música é presente em toda a cultura deste povo. Há uma ordem específica do Senhor de lhe apresentar cânticos, novos cânticos, louvores, etc.

- Havia um sistema organizado de atividade musical dentro deste povo.

A música judaica antiga parece ter sido utilizada principalmente para o culto público, mas também em ocasiões, quase rituais, como coroações e celebrações. De fato, tal como indicam muitas passagens do Antigo Testamento, seria difícil para os judeus imaginar uma ocasião de alegria na qual não estivesse presente a música.

De acordo com a Mishnah, uma orquestra regular do templo consistia de 12 instrumentos e um coro de 12 vozes masculinas (a orquestra podia ser maior, mas nunca passava 36). Um número adicional de instrumentos eram conhecidos dos antigos israelitas mas não eram inclusos regulamente na orquestra do templo (como a flauta de pan por exemplo).

As melodias utilizadas na liturgia são tanto de caráter tetracordal (baseadas nas escalas de quatro notas) como modal. Os textos litúrgicos eram entoados pelos sacerdotes, enquanto uma orquestra de músicos profissionais os acompanhava com versões ornamentadas das melodias cantadas. O canto da congregação também era antifonal: os sacerdotes ou um conjunto coral qualificado cantavam uma parte e a congregação outra. O ritmo costumava ajustar-se aos acentos das sílabas das palavras.

Havia um sistema de ensino e organização musical sistematizado.

Os músicos levitas foram organizados em 24 grupos, similar às divisões sacerdotais, e serviam em rodízio. Os deveres eram determinados por sortes. 1Cr 23, 25, 26; 2Cr 35:3-5, 10. Nos dias de Moisés, era aos 30 anos de idade que o levita assumia seus plenos deveres, tais como carregar o tabernáculo e seus utensílios quando este mudava. (Núm 4:46-49) Alguns deveres podiam ser realizados a partir dos 25 anos, mas, aparentemente, não o serviço pesado, como transportar o tabernáculo. (Núm 8:24) Nos dias do Rei Davi a idade foi reduzida para 20 anos. A razão apresentada por Davi foi que o tabernáculo (que então seria substituído pelo templo) não mais teria de ser transportado. Designações de serviço obrigatório terminavam à

idade de 50 anos. (Núm 8:25, 26; 1Cr 23:24-26; veja IDADE, ERA.) Os levitas tinham de ser bem versados na Lei, não raro sendo convocados para lê-la em público e para ensiná-la ao povo. — 1Cr 15:27; 2Cr 5:12; 17:7-9; Ne 8:7-9.

Músico – se preparava até 20 a 30 anos – exercia função até 50 – ensinava depois dos 50.

Havia um uniforme e uma preparação de aparência para o serviço.

Music training[edit]

According to the text of the Mishna, the early musicians, both singers and instrumentalists, were strictly trained to be professional musicians with their average training lasting five years. Bible historian Alfred Sendrey notes a "sudden and unexplained upsurge of large choirs and orchestras, consisting of thoroughly organized and trained musical groups, which would be virtually inconceivable without lengthy, methodical preparation." This has led some scholars to believe that the prophet Samuel was the patriarch of a school which taught not only prophets and holy men, but also sacred-rite musicians. This public music school, perhaps the earliest in recorded history, was not restricted to a priestly class—which is how the shepherd boy David appears on the scene as a minstrel to King Saul." :"[12]

Conclusão: como havíamos comentado anteriormente, de acordo com Schaeffer, um artista ou o conjunto de uma obra expressa claramente uma cosmovisão. Olhando para este início da arte, podemos ver que de uma forma macro, a obra de arte de determinado povo ou civilização expressa claramente sua cosmovisão e crenças religiosas.

- Podemos ver na arte e religiões pré-históricas um caráter pagão, não necessariamente teísta ou politeísta, baseado em superstições, credices, magia, voltado aos "espíritos" e sacrificial com pouca predominância do racional ou da busca pelo equilíbrio ou beleza estética.

Resquícios vistos hoje no sincretismo (inclusive brasileiro como umbanda, candomblê), indígena e tribal em alguns lugares da África. Música marcada pelo ritmo forte e valorização do ruído, visual marcado por objetos concretos com funções representativas e vodus (estatua que guarda a casa).

O homem quer controlar a natureza através dos deuses.

- Na arte e religião egípcia, babilônica e também assíria, vemos um desenvolvimento no que tange ao domínio da natureza que traz a consciência da morte e a negação da mesma, a busca do imortal, o valor do forte sobre o fraco, a pouca importância da vida humana e da desigualdade o desejo de imortalidade, a autoridade humana (Nabucodonosor, Faraó, Dario, etc) como sendo divina e o uso da arte para solidificar esta afirmação (lembrar da questão arte

boa pode colocar uma cosmovisão ruim – Jorge Amado e funk). Vemos o mesmo pensamento e tipo de arte em outras culturas como os maias (curiosidade, pirâmides e pensamentos próximos povos tão distantes).

O homem (autoridade humana) se coloca como divindade.

- Na proposta da velha aliança, vemos o estabelecimento de um Deus como o centro e razão de todas as coisas e a arte como uma manifestação de louvor e apreciação a Ele diretamente ou a questões da vida dada por ele. Há uma riqueza oriunda desta arte que vem da gênese do processo de formação deste povo que foi supervisionado por Deus.

Davi, um artista segundo o coração de Deus

Carta de recomendação

Respondeu um dos mancebos: Eis que tenho visto um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar bem, e é forte e destemido, homem de guerra, sisudo em palavras, e de gentil aspecto; e o Senhor é com ele. (I Samuel 16:18)

1º - SABE TOCAR BEM

2º - É FORTE (capaz, saudável, vigoroso, tem força) E DESTEMIDO (valente, corajoso)

3º - HOMEM DE GUERRA (valor para necessidade do momento)

4º - SISUDO (instruído, inteligente, prudente, com discernimento) EM PALAVRAS (na comunicação)

5º - DE BOA APARÊNCIA (bonito, aparência boa, gentil presença)

6º - O SENHOR É COM ELE (Jeova fala com ele)

BIBLIOGRAFIA

BARRS, Jerram. Echoes of Eden, Reflections on Cristianity, Literature and Arts, Crossway, 2013.

BELL, Daniel (1960), The end of ideology. Glencoe: Free Press.

CARD, Michael. Cristo e a Criatividade – Rabiscando na areia; tradução Jorge Camargo - Viçosa MG: Ultimato, 2010.

COLI, Jorge. O que é arte, São Paulo: Brasiliense, 2008.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte, Tradução Alvaro Cabral, livros técnicos e científicos editoras S.A. 1993.

KAVANAUGH, Patrick. Spiritual Lives of the great Composers, Condervan 1992.

MASSIN, Jean. Historia da Música Ocidental, Nova Fronteira, 1997.

ROOKMAKER, H.R. A arte não precisa de justificativa, tradução Fernando Guarany Jr. Editora Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. A arte e a Bíblia, tradução Fernando Guarany Jr. -Viçosa MG: Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis. A morte da razão, tradução Gabrielle Gregersen, Editora Cultura Cristã, 2002.

WISNIKS, Miguel. O som e o sentido, Companhia das letras 1989

<http://pt.wikipedia.org/wiki/>

<http://www.historiadaarte.com.br>

MÚSICA COMO MOLDE PARA A SOCIEDADE

A música revela o que um povo é.

Na China antiga, todos os anos, no segundo mês, poderia encontrar-se o imperador Shun passando revista no seu reino para certificar-se de que tudo estava em ordem no imenso território. Entretanto, não o fazia observando o modo de vida da população, ou os livros de contabilidade.

De acordo com o antigo texto chinês, SHU KING, o imperador Shi Shun percorria os diferentes territórios e... experimentava as alturas exatas das suas notas musicais.

Consoante a filosofia dos antigos chineses, a música era um medidor social importantíssimo. Eles acreditavam, em particular, que todas as civilizações se afeiçoam e moldam de acordo com o tipo de música que nelas se executa.

A música de uma civilização era melancólica, romântica? Nesse caso, o próprio povo seria romântico. Era vigorosa e militar? Então, os vizinhos dessa nação devem se acautelar. Além disso, uma civilização permanecia estável e inalterada enquanto a sua música permanecesse inalterada. Mas mudar o estilo da música ouvida pelo povo levaria inevitavelmente a uma mudança do próprio estilo de vida.

E se a música que ele ouvisse executada nas aldeias tivesse, por exemplo, desatado a tornar-se vulgar e imoral, não duvidaria o imperador de que a própria imoralidade se estenderia pela nação, a menos que se fizesse alguma coisa para corrigir a música.

(retirado do livro “O Poder Oculto da Música – David Tame).

FELIZ DIA DOS MÚSICOS!

Gilberto de Syllos